

Agência Jovem de Notícias: trabalhando conhecimentos científicos sobre água numa intervenção pedagógica educacional

Young News Agency: working on scientific knowledge about water in an educational pedagogical intervention

Mariana Rodrigues Sebastião

Universidade Federal da Bahia
marianasebastiao@gmail.com

Rejane Maria Lira-da-Silva

Universidade Federal da Bahia
rejane@ufba.br

Resumo

Esta pesquisa relata a experiência de implementação de uma Agência Jovem de Notícias como intervenção pedagógica educacional que estimulou o diálogo de jovens com conhecimentos científicos sobre o tema Água. Foi estruturado dentro da escola de um povoado do interior da Bahia, no Brasil, que vivencia diferentes processos relacionados ao tema Água: a existência de fontes com valor histórico e religioso, a presença tímida do esgotamento sanitário, a distribuição irregular da água nas residências e a poluição do rio com o esgoto. Seis jovens participaram produzindo textos jornalísticos, fotografias e vídeos sobre estes assuntos, relacionando informações obtidas através das pesquisas em livros, revistas, entrevistas com professores, especialistas e moradores do povoado. A pesquisa propõe uma nova forma de trabalhar ciências com jovens de comunidades, trazendo tais conhecimentos o mais perto possível das suas vivências.

Palavras-chave: Educomunicação, Educação Científica, Água, Comunidade.

Abstract

This research reports the experience of implementing a Youth News Agency as a pedagogical educational intervention that stimulated the dialogue of young people with scientific knowledge on the theme of Water. It was structured within the school of a village in the interior of Bahia, Brazil, which experiences different processes related to the theme Water: the existence of sources with historical and religious value, the timid presence of sewage, the irregular distribution of water in homes and the pollution of the river with sewage. Six young people participated by producing journalistic texts, photographs and videos on these subjects, relating information obtained through research in books, magazines, interviews with teachers, experts and villagers. The research proposes a new way of working science with young people from communities, bringing such knowledge as close as possible to their experiences.

Key words: Edu-Communication, Scientific Education, Water, Community.

Introdução

Nesta pesquisa partimos da premissa de que a educação científica pode conduzir a uma melhor qualidade de vida. Isso porque, sendo a ciência uma linguagem construída pelos homens e mulheres para explicar o nosso mundo natural, o que ajuda a entendermos a nós mesmos e o ambiente que nos cerca, desenvolvemos potencialidades que nos tornam capazes de refletir de modo crítico sobre a nossa sociedade, agindo sobre ela (CHASSOT, 2008; GUERRA, 2012).

Compreender o ambiente que nos cerca é condição primária para transformá-lo para melhor. Nesse sentido, um campo de ação emergente que se apresenta como renovador de práticas sociais com o objetivo de ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, em especial da infância e da juventude, é a Educomunicação. Oriundo da interface entre dois campos tradicionais – a Comunicação e a Educação – a educomunicação define-se como o conjunto de ações voltadas ao planejamento e à implementação de práticas destinadas a criar ecossistemas comunicativos abertos em espaços educativos (SOARES, 2003; SOARES, 2011).

A criação de ecossistemas comunicativos maximiza as possibilidades de expressão e conseqüentemente a mobilização para ação e transformação. Tem base na prática Freireana da educação com ênfase no processo. De acordo com Soares (2003), a interdiscursividade, isto é, o diálogo com outros discursos, é uma das garantias de sobrevivência da Educomunicação. É nas possibilidades e limitações do diálogo entre a educação científica e a educomunicação, nas formas aqui apresentadas, que este trabalho se desenvolve.

No Recôncavo Baiano fica localizado um pequeno povoado chamado São Francisco do Paraguaçu. Trata-se de um pequeno distrito da cidade de Cachoeira, uma das localidades que possui maior representação histórica e econômica na região. São Francisco do Paraguaçu possui cerca de 2.000 habitantes e está localizado às margens da baía do Iguape, sub-baía da Baía de Todos os Santos que recebe as águas do Rio Paraguaçu. No seu entorno estão abrigadas famílias que possuem a pesca artesanal, o extrativismo vegetal e a agricultura de subsistência como principais atividades econômicas para sobrevivência.

Em trabalhos realizados anteriormente (desde 2013) com a juventude na comunidade, percebeu-se a força dos processos e mitos que envolviam a água em seu cotidiano. Isso porque, entre outras questões, a distribuição da água é limitada por horário, a cor da água que chega nas casas não é límpida, os moradores costumam coletar e beber água diretamente das fontes e existe uma grande estação de tratamento de esgoto como cartão postal na entrada da comunidade. Observadas essas circunstâncias, desenhou-se o objetivo deste trabalho, que imbricou educação científica e educomunicação numa empreitada.

O principal objetivo deste artigo é relatar a experiência de implementação de uma Agência Jovem de Notícias como intervenção pedagógica educacional para estimular o diálogo de jovens com conhecimentos científicos sobre o tema Água. O intuito da ação foi envolver os jovens na construção de diálogos com o conhecimento científico sobre o assunto, a partir de cada atividade desenvolvida pela intervenção, que era baseada em questões vividas na sua comunidade em torno do assunto.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa foi realizada com seis jovens moradores da comunidade, entre 15 e 16 anos, sendo três estudantes do primeiro ano do ensino médio e outros três estudantes do sétimo ano do ensino fundamental. A implementação da Agência Jovem de Notícias (AJN) como intervenção pedagógica seguiu as sugestões da prática educacional do *El Comunicador Popular* de Mario Kaplún (1987) no processo de execução das suas atividades. Todo o processo foi anteriormente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFBA.

De maneira geral, as agências de notícias são caracterizadas como veículos de comunicação que tem como finalidade produzir e distribuir conteúdos que interessem a outros órgãos de comunicação, sejam jornais, revistas, rádios, tevês, sites, entre outros. Como distribuidoras de informação, são potenciais disseminadoras de opinião e ferramentas para a construção de um espaço simbólico por meio da circulação de informações (AGUIAR, 2016; FERREIRA; BOAVENTURA; MOREIRA, 2016).

A AJN envolveu a realização de oficinas de produção de materiais de comunicação – vídeos, fotografias e jornal. As atividades aconteciam na sala da biblioteca da escola de ensino fundamental do povoado. Eram realizadas às segundas-feiras à noite, e às terças e quartas nos três turnos (matutino, vespertino e noturno). Os estudantes tinham horários específicos de acordo com os seus horários livres do turno escolar.

Figuras 1 a 4: Oficinas realizadas como parte das atividades da AJN.



Fonte: Arquivos Agência Jovem de Notícias.

Alguns princípios são fundamentais na comunicação educativa e popular proposta por Kaplún (1987) em *El Comunicador Popular* e que foram colocados em prática nas atividades da AJN. São eles: a) a pré-alimentação, isto é, conhecer bem a equipe com quem se está trabalhando; b) ser bom ouvinte, para conhecer bem o seu grupo, suas inquietações e características culturais; c) os materiais de comunicação produzidos devem ser tomados de acontecimentos da atualidade ou em tradições culturais e históricas da região em que se está trabalhando.

Outros princípios importantes dão conta de que d) os materiais produzidos devem ser feitos de modo que a comunidade possa ver o assunto com outra perspectiva crítica; e) é preciso evitar o excesso de informações na produção de um material comunicativo, dando ênfase a poucas ideias centrais; f) é preciso ajudar o grupo a recuperar a confiança em sua capacidade criativa; g) o processo de mudança deve ser construído por cada sujeito do grupo, e o educador apenas pode ajudá-lo nesse processo; h) Para ter bons resultados não são necessários materiais sofisticados, pois a criatividade é essencial para o trabalho com recursos modestos; i) Por fim, a retroalimentação, ou seja, a comunicação sobre o processo que está sendo realizado, é essencial entre educadores e grupo, para que as ações atendam cada vez mais às aspirações do grupo. Nada é definitivo e acabado, está sempre em mudança e reformulação (KAPLÚN, 1987).

Resultados

Levamos os principais impasses enfrentados pela comunidade em relação à água para debate e identificamos que os principais problemas estavam relacionados: (1) à cor da água, que não chegava límpida da torneira das casas, mesmo após o tratamento; (2) à presença de uma estação de tratamento de esgoto na entrada do povoado, conhecido como “penicão”, mas que os moradores não sabiam para que servia; (3) ao consumo direto da água de fontes por muitos moradores pela fé de que a fonte é milagrosa e por não confiar no tratamento da água feito pela empresa distribuidora na comunidade; (4) para onde vai a água que é desprezada dentro das casas; e (5) ao despejo de lixo e de esgoto na baía do Iguape, fonte de renda para muitos moradores.

A partir de então, as atividades da AJN estiveram voltadas para a produção de materiais de comunicação dentro desses temas. A primeira oficina foi a de jornalismo, e através de um trabalho de pesquisa, apuração, entrevistas, produção de textos e revisão, foram produzidos os seguintes textos jornalísticos: *Penicão de São Francisco serve para tratar o esgoto; O que está escurecendo as nossas panelas?; Poço artesiano pode abastecer São Francisco em tempos de pouca chuva; Lendas do Paraguaçu: a mula-sem-cabeça; Você bebe água da Fonte do Catônio?; e Como os moradores estão reutilizando água em São Francisco do Paraguaçu?*

Foram diversas fontes de pesquisa utilizadas para a produção destes textos. Desde os livros didáticos disponíveis na escola até o acesso à internet e a conversa com os professores e moradores da comunidade. Os principais problemas encontrados nesta fase estavam relacionados com a dificuldade dos estudantes em colocar suas ideias no papel em forma de texto, de um lado pela dificuldade de concentração e por outro por deficiências na escrita. Para superar tais problemas e, como sugerido por Kaplún (1987), tentar recuperar a confiança dos jovens em sua capacidade criativa, foi necessário um trabalho de acompanhamento individual cuidadoso, reforçando a importância do que tinha se conseguido fazer, mesmo que pouco. Em alguns casos, foi necessário transformar a temática que estava sendo trabalhada

em perguntas e respostas para que o jovem conseguisse expressar melhor a sua ideia e construíse o seu texto.

A respeito de situações como essa, Kaplún (1987) afirma que não existem regras fixas nem imutáveis. O que é necessário é ver qual a opção mais adequada, mais pedagógica e mais eficaz para que o processo de produção comunicativa consiga se realizar com aquele grupo: “Lo que hay que ver es si la opción que tenemos es la más conveniente y adecuada para ese caso concreto; la más pedagógica y eficaz para esa situación determinada” (KAPLÚN, 1987, p. 263). Isso chama o educador permanentemente à criatividade e ao exercício de bom ouvinte em relação à equipe com a qual está trabalhando.

A segunda oficina realizada dentro da AJN foi de fotografia com celular. Além de produzir fotografias para ilustrar seus textos jornalísticos que já estavam prontos, os jovens precisaram se empenhar em produzir mais uma fotografia e, por consequência, um texto explicativo desta, sobre outra temática ainda não trabalhada dentre aquelas que elencamos no início de todo o processo. Este segundo momento, que também envolveu pesquisa, apuração e entrevistas gerou as fotografias intituladas *Podemos usar a água da chuva para fazer tudo?*; *O que tem naquele esgoto tratado que é despejado no rio?*; e *Por que a água tratada chega amarelada ou esbranquiçada na minha comunidade?*. Todo o material de texto e fotografia produzido pelos jovens gerou o jornal digital Salinha Verde, edição n. 5.

Figura 5: Jornal Digital no qual foram reunidos os textos jornalísticos e fotografias produzidos pelos jovens.

JORNAL Salinha Verde
Revista de Notícias e Opinião

AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS

Jornal Salinha Verde, n. 05, Agosto de 2019

PINIÇÃO DE SÃO FRANCISCO SERVE PARA TRATAR O ESGOTO

Estação de tratamento do esgoto fica na entrada da comunidade de São Francisco do Paraguari.

Por Darlan Santos

Conversando com Fábio Cruz, que trabalha na Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embas), em São Francisco do Paraguari, um distrito do município de Cachoeira, na Bahia, fui fazer umas perguntas sobre o que é o tal pinhão, que está instalado na entrada da comunidade.

O pinhão na verdade não é um grande peixe. Ali se chama ETE e significa Estação de Tratamento de Esgoto. Todo o esgoto da comunidade vai para essa estação. Na ETE tem quatro bacias e o tratamento é feito de uma para a outra. Primeiro, todas as fezes são reunidas em um local que a Embas tem na comunidade que se chama Elevatório. O que sobe essas fezes para esse lugar são bombas.

Do elevatório as fezes vão para a ETE. Chegando lá, em uma bacia, esse resíduo (as fezes) fica todo no fundo da ETE. Tipo uma água suja. Quando ele sobe no fundo, a água limpa fica em cima. O tempo é que faz a filtração de uma bacia para outra até chegar ao rio. Segundo Fábio, a água que é tratada não volta para o consumo, mas não causa problema ao rio por causa do tratamento que é feito na ETE.

O tratamento lá é natural, ele não leva nenhuma química, explica Fábio. O processo pode levar até anos de uma bacia para outra porque vai se resfriando dia após dia até chegar ao lugar para debocar. Não tem um tempo determinado.

Na ETE tem quatro bacias e o tratamento é feito de uma para a outra.

EDITORIAL

Mas uma vez a Salinha Verde da Universidade Federal da Bahia está lançando uma edição do Jornal Salinha Verde. Estamos na quarta edição. Como na primeira edição, as matérias foram produzidas por estudantes do ensino fundamental e médio que são moradores de São Francisco do Paraguari, uma comunidade rural do Recôncavo Baiano.

Em parceria com a Escola Estadual de Primeiro Grau São Francisco do Paraguari, a Salinha Verde e a Agência Jovem de Notícias, estudantes desta comunidade trabalharam como jovens jornalistas na produção de matérias fotográficas e vídeos, como manda o figurino de uma verdadeira agência: rotina de trabalho, pesquisa e apuração, produção de texto, entrevistas e outros detalhes que são particularidades do jornalismo (trabalhar a pé na lama do munguê e sentir a brisa calma ao ficar de frente o Rio Paraguari, por exemplo).

Não foi fácil concluir esta produção. Cada texto em um novo dialeto e as vezes se desentendem como algo impossível frente à falta de confiança que esse jovem tem no próprio potencial. Mas este é um trabalho de Educação, e neste universo o mais importante é o que passamos durante a produção de todos esses materiais. Isso é a verdadeira educação: aqui, com ênfase no processo. Por isso, bairros de uma tentativa entra a água - do ponto de vista dos problemas enfrentados pela comunidade, com o intuito de entendê-los melhor. E dessa maneira que a gente vive: educação, comunicação, cultura, saberes tradicionais e cidadãos. E é dessa maneira que queremos formar esses jovens, atendendo às necessidades da sua comunidade.

Agradecemos a todos e todas que apoiaram a produção desta matéria, em especial o professor da Escola Estadual de Primeiro Grau São Francisco do Paraguari através da confiança do diretor Edmar Costa, da contribuição dos seus professores, da presteza e solicitude do vigilante Jurelson Santos e da recepção dos funcionários. Agradecemos também a dedicação e produção logística gratuita de Waleika Mota, a disponibilidade e boa vontade de seu Antônio Garcia e dos funcionários Fábio Cruz e Adilson Ramos - da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embas) - e pelo apoio técnico da professora Regiane Lima, sem o qual não teríamos, nem mesmo iniciado este trabalho. Uma boa leitura!

Mariana Sebastião
Diretora de Redação do Jornal Salinha Verde
marianasebastiao@gmail.com

EXPEDIENTE: Jornal Salinha Verde, n. 05, Agosto de 2019, Agência Jovem de Notícias - Universidade Federal da Bahia/ Escola Estadual de Primeiro Grau São Francisco do Paraguari. Coordenação: Regiane Lima e Edlaine Costa. Direção de Redação: Mariana Sebastião; Módulo de Produção: Cami Carvalho, Caroline Lima, Darlan Santos, Jackson Soares, Maria Luiza Sanches e Natiele Batista; Produção Executiva: Waleika Mota e Jurelson Santos; Realização: Salinha Verde UFBA e Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEHC - UFBA/UFES); Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Antônio Gonçalves Garcia; Fábio Cruz; Adilson Ramos; José Carlos Neto. Foto de Capa: Mariana Sebastião. Diagramação: Mariana Sebastião. Identidade Visual: Jornal Salinha Verde. Mariana Primmer de Paula.

O QUE TEM NAQUELE ESGOTO TRATADO QUE É DESPEJADO NO RIO?

Local extrator do esgoto tratado em São Francisco do Paraguari.

Por Darlan Santos

Bem na entrada da minha comunidade, São Francisco do Paraguari, no Recôncavo Baiano, existe uma grande Estação de Tratamento de Esgoto (ETE). Fomos uma reportagem para a Agência Jovem de Notícias, que funciona na Escola do pinhão, para compreender como funciona o tratamento desse esgoto e como ele fica depois de tratado.

Entendemos que o tratamento é feito em quatro bacias e o processo ocorre de uma para a outra. Primeiro, em uma bacia, todo o resíduo recolhido (as fezes) fica no fundo da ETE. Tipo uma água suja. Quando ele sobe no fundo, a água "limpa" fica em cima. O tempo é que faz a filtração de uma bacia para a outra até chegar ao rio. Quem trabalha durante esse tempo são microrganismos que fazem a decomposição de matéria orgânica como as fezes, restos de comida, etc. Isso é muito importante porque as fezes das pessoas podem contaminar a água do rio por ter micróbios transmissores de doenças.

Por isso, antes do esgoto ser jogado no rio ele deve ser tratado para diminuir a quantidade de matéria orgânica. Esse tratamento é natural e não leva nenhuma química. A fotografia mostra o "tanque" da ETE de São Francisco do Paraguari, onde desemboca o esgoto tratado. Mesmo assim, no final do tratamento, a água que é despejada no rio ainda apresenta alguns organismos causadores de doenças, e por isso tudo o líquido ainda permanece impróprio para o consumo. Porém pode ser devolvido ao ambiente porque está livre de resíduos poluentes. Para essa água ser utilizada ela deve ser filtrada e clorada em uma estação de tratamento ou pode ser utilizada para a limpeza de calçadas e praças.



FOTO: Natiele Batista

VOCÊ BEBE ÁGUA DA FONTE DO CATÔNIO?

Poço foi descrito por um padre no século XVIII e é usado até hoje por moradores de São Francisco do Paraguaçu.

Por Natiele Batista

As fontes de água são extremamente importantes para a vida. Toda a comunidade precisa de água para consumir de diversas maneiras: beber, tomar banho, lavar roupas e até mesmo cozinhar. Entretanto é bom procurar saber a história de cada poço para ver se pode ou não ser utilizada, porque retirar água da fonte distante da fonte pode trazer problemas à saúde.

Em São Francisco do Paraguaçu, um distrito do município de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, tem uma fonte muito famosa a Fonte do Catônio. Também conhecida como "Catório" ou "Mitrado", a fonte é usada pelos moradores para pegar água para beber e para outros fins domésticos. Ela fica logo na entrada do povoado, e recentemente teve a sua superfície reformada pelos próprios nativos.

Segundo Antônio Garcia, historiador de São Francisco do Paraguaçu, esta fonte foi descoberta pelos padres franciscanos quando chegaram na localidade no século XVIII, labirinto o escritor da província de Santo Antônio do Brasil, foi quem deixou documentos sobre ela contendo a seguinte frase: *Uma fonte pequena de água límpida que nasce ao pé do monte entre pedras e areia e de boa qualidade.*

"18 anos atrás as pessoas confiavam nessa fonte sem problema algum", afirma Antônio. Recentemente fizeram uma reforma na superfície da fonte para que todos os moradores tivessem total acesso a essa água. Para Antônio, isso foi necessário porque a água que chega nas casas das pessoas, que vem da Embaesa - Empresa Baiana de Águas e Saneamento - não está em um bom estado.

Maria da Conceição, uma das moradoras da comunidade, disse que confia beber a água da Fonte do Catônio: "É uma água natural, saudável, não tem cloro, então serve para todos beberem". Já Luiza Sacramento tem um opinião diferente: "Não confio na água porque fica acumulada e mesmo os moradores se jurando para reformar acho que não é de boa qualidade", diz.

Os mais velhos contam que a água da Fonte do Catônio é milagrosa. Naquele tempo, esse poço tinha secado e várias residências foram chamadas para a água voltar a ferver, até que uma delas resolveu o Ofício de Nossa Senhora de Santana e a água voltou a jorrar.

De acordo com Ademirino Cruz, Professor de Ciências da Escola Estadual de Primeiro Grau São Francisco do Paraguaçu, águas de fontes são impróprias para o consumo direto, pois sofrem alterações químicas e podem estar contaminadas por bactérias e outros coílos.

"Uma água contaminada pode causar diarreia, infecções seguidas por desidratação. Outra é a cistite, com possibilidades de causar até a morte da pessoa infectada", explica Ademirino. O certo é sempre ferver, filtrar ou até mesmo clorar, segundo o professor. Mas será que só isso seria suficiente?

POÇO ARTESIANO PODE ABASTECER SÃO FRANCISCO EM TEMPOS DE POUCA CHUVA

Por Camile Lima

Os distritos do Vale do Iguape, no Recôncavo Baiano, são abastecidos em parte pela barragem do Rio Cau. Isso inclui São Francisco do Paraguaçu. Todas as pessoas da comunidade comentam sobre a qualidade da água que chega nas casas, ora que ela chega muito branca, ora que ela chega amarelada. Já outros comentam que acham errado a forma como ela é distribuída: demora mais tempo de chegar em algumas ruas do povoado do que em outras.



Poço artesiano foi instalado na Fazenda Cau, em São Francisco do Paraguaçu. Foto: Camile Lima

São Francisco do Paraguaçu também está sendo abastecido por um poço artesiano. O que é um poço artesiano? Existem vantagens e desvantagens sobre isso. Temos uma conversa com Adilson Ramos e Fábio Cruz, funcionários da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embaesa), responsável pela distribuição de água no povoado. Eles explicam como funciona o abastecimento pelo poço.

De acordo com os funcionários, o poço é muito fundo e pode ajudar em tempos de seca: "Esse poço tem 247 metros de profundidade e a água dele só é usada quando tem fontes secas por muito tempo", explicaram. É muito livre sulfêmico, que se passamos muito tempo sem chover não vamos passar sede!

POR QUE A ÁGUA TRATADA CHEGA AMARELADA OU ESBRANQUIÇADA NA MINHA COMUNIDADE?

Por Camile Lima

Moradores da minha comunidade, São Francisco do Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, reclamam da cor que a água chega nas suas casas. Alguns dizem amarelada, outros dizem esbranquiçada. Por que isso acontece? Muita gente desconhece que muito disso está sendo usado no tratamento, ou que a fubulação do transporte da água até as casas está muito ruim. Depois de uma investigação para produzir uma reportagem sobre esse assunto para a Agência Jovem de Notícias, que funciona na Escola do povoado, entendemos o motivo.



FOTO: Camile Lima

Funcionários da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embaesa), responsável pela distribuição de água na comunidade, explicaram que o abastecimento é feito por duas vias: pela barragem do Rio Cau e por um poço artesiano. Quando ela chega amarelada é porque a água que está sendo usada para abastecer é a do Rio e naturalmente essa água é amarelada. Existe uma bomba que trata os produtos, que tratam essa água. Mesmo assim, o filtro não consegue filtrar totalmente, e por isso ela ainda continua um pouco amarelada.

Observamos isso muito bem nessa fotografia. A água do garrafão foi retirada de uma das casas, e é comum que chegue desta cor.

Será que a quantidade de produtos que trata a água poderia ser aumentada para que ela venha sem o aspecto amarelado? Não! Essas quantidades já são determinadas para não afetar a saúde da população. É por que às vezes ela chega esbranquiçada? Isso acontece devido a pressão da bomba que bombeia essa água até que ela chegue nas casas. Quando a força da água é muito grande, o impacto inicial é forte e causa o aspecto branco, que com o tempo vai voltando ao normal. Então entendemos que tudo que acontece tem a ver com a cor natural da água do rio e a força da água que é bombeada.

Fonte: Arquivos Agência Jovem de Notícias.

A terceira oficina da AJN foi a de vídeos com celulares. Num trabalho de discussão, produção de roteiro, pesquisa, apuração, entrevistas com professores, moradores e especialistas, produção de imagens e fotografias, foram gerados os seguintes vídeos, com duração média de 2 minutos: *O Rio Paraguaçu está sofrendo em São Francisco*; *As fossas usadas em São Francisco do Paraguaçu*; e *São Francisco do Paraguaçu está na Baía do Iguape*. Os vídeos produzidos foram carregados na plataforma [youtube.com/educombahia](https://www.youtube.com/educombahia).

O processo de produção dos vídeos foi o que mais estimulou os jovens a ter contato com moradores da sua comunidade para ouvir as suas experiências sobre os assuntos que estavam trabalhando. Embora já tivessem esse contato nas outras fases da oficina, a produção dos vídeos ajudou esses estudantes a ouvir as pessoas do ponto de vista dos seus conhecimentos técnicos (como no caso do morador responsável por construir as fossas das casas da comunidade) e conhecimentos históricos (como no caso de um morador antigo nascido na comunidade). Somaram-se a estas as entrevistas com os professores da escola, o que enriqueceu ainda mais as produções em termos de diálogos entre saberes.

A oficina de produção de vídeos da AJN também seguiu o modelo de educação com ênfase no processo, proposto por *El Comunicador Popular* de Mario Kaplún (1987). Para ele, trata-se de uma educação problematizante, que busca ajudar a pessoa a desmistificar sua realidade, tanto física como social. Nele, existe um processo de ação-reflexão-ação que o sujeito faz a partir da sua realidade, de sua experiência, de sua prática social, junto com os demais. É um modelo autogestionário "y forma para la participación en la sociedad" (KAPLÚN, 1987, p. 53).

Quadro 1: Produções construídas pelos jovens durante meses de atividades da AJN.

TIPO DE PRODUÇÃO

TÍTULO

Texto	<i>Penicão de São Francisco serve para tratar o esgoto</i>
Texto	<i>O que está escurecendo as nossas panelas?</i>
Texto	<i>Poço artesiano pode abastecer São Francisco em tempos de pouca chuva</i>
Texto	<i>Lendas do Paraguaçu: a mula-sem-cabeça,</i>
Texto	<i>Você bebe água da Fonte do Catônio?</i>
Texto	<i>Como os moradores estão reutilizando água em São Francisco do Paraguaçu?</i>
Foto + Texto	<i>Podemos usar a água da chuva para fazer tudo?</i>
Foto + Texto	<i>O que tem naquele esgoto tratado que é despejado no rio?</i>
Foto + Texto	<i>Por que a água tratada chega amarelada ou esbranquiçada na minha comunidade?</i>
Vídeo	<i>O Rio Paraguaçu está sofrendo em São Francisco</i>
Vídeo	<i>As fossas usadas em São Francisco do Paraguaçu</i>
Vídeo	<i>São Francisco do Paraguaçu está na Baía do Iguape</i>

O trabalho da AJN não finalizou com os seis jovens que iniciaram o processo. Três deles desistiram. Esses jovens foram indagados sobre o porquê da desistência e se havia algo que poderia ser modificado para que continuassem. Esse exercício é um princípio importante de acordo com Kaplún (1987), que enfatiza a importância de saber as opiniões daqueles com quem ou para quem se está trabalhando no processo de comunicação. Segundo o autor, esta é

a busca da chamada “Retroalimentação”: “Todas esas opiniones nos sirven para mejorar (...)” (KAPLÚN, 1987, p. 90).

O mais surpreendente nesta busca foi que o motivo dos estudantes para a desistência não ficou bem definido, mas a justificativa era sempre a mesma. Vinha com respostas como “Não quero mais ir fazer as atividades” ou “estava tudo legal, eu mesmo que não quero mais fazer”. Mesmo estudantes que pareciam bastante motivados, em determinado momento se desanimavam com a rotina de atividades e compromisso necessários à Agência e optavam pela não continuidade da atividade.

O final do trabalho da AJN foi marcado pela apresentação do projeto na escola da comunidade. A ocasião reuniu os professores e funcionários do colégio, a gestora, os pais dos jovens e alguns moradores. Muitas pessoas foram convidadas, inclusive pessoalmente. Mesmo assim, a assistência ao trabalho dos jovens foi majoritariamente dos profissionais da escola e pais, tendo baixíssima adesão dos moradores convidados. No dia dessa apresentação final, após uma explanação da pesquisadora que orientou todo o processo, os jovens apresentaram os seus produtos construídos nos meses de trabalho.

Conclusões

A análise dessa pesquisa contempla, muito além dos produtos gerados, o processo realizado. Por um lado, uma reflexão sobre as possibilidades que encontramos de dialogar com os saberes científicos, dentro de uma prática comunicativa com recursos modestos, para compreender a realidade imediata daqueles estudantes. Trabalhar conhecimentos científicos imbricados às vivências dos jovens parece fazer com que tais saberes possam ser aproveitados para uma melhor qualidade de vida. Por outro lado, as grandes dificuldades decorrentes deste processo também foram assinaladas, e envolvem, entre outros aspectos, a baixa autoestima e motivação da juventude local e as limitações do sistema educacional local de abraçar práticas participativas como a educomunicação.

Com a realização deste trabalho colocamos em foco questões relevantes: provocar a reflexão sobre conhecimentos científicos com metodologias participativas como a educomunicação pode relacionar os saberes científicos com as situações que a comunidade vive. Além disso, configuram-se como um exercício constante de colocar o jovem em contato com esses problemas existentes e de pensar soluções possíveis para eles. Este exercício tem uma consequência importante: o reconhecimento da sua própria responsabilidade frente tais problemas e enquanto ator para tentar resolvê-los.

Espera-se, após estas reflexões, sugerir novas formas de pautar a ciência com jovens de comunidades, trazendo tais conhecimentos o mais perto possível das suas realidades. Desta maneira, estaremos no caminho de praticar uma educação científica libertadora, com ênfase no processo, que leve os indivíduos a compreender a sua realidade e transformá-la através de ações pensadas e bem discutidas.

Agradecimentos e apoios

Agradecimentos ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo financiamento deste trabalho com Bolsa de Doutorado e com Bolsa de Produtividade em Pesquisa, respectivamente. Também ao acolhimento da Escola Estadual de Primeiro Grau de São Francisco do Paraguaçu, da comunidade em geral, dos jovens participantes e do apoio voluntário de amigos da própria comunidade e da universidade na concretização do processo.

Referências

AGUIAR, Pedro. Agências de notícias, Estado e desenvolvimento: modelos adotados nos países BRICS. **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 1, 2016. p. 34-59.

CHASSOT, Attico. **Sete escritos sobre educação e ciência**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERREIRA, Luiz Cláudio; BOAVENTURA, Katrine; MOREIRA, Henrique. Agência de notícias UniCEUB: experiência extensionista de jornalismo universitário. p. 45-57. **Extensão Universitária**. Renta Innecco Bittencourt de Carvalho (Org.). Brasília: UniCEUB, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARFINKEL, Harold. **Estudos em Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GUERRA, Denise Moura de Jesus. **Ciências e Educação Popular Comunitária**: outros saberes, apropriações outras. Salvador: Edufba, 2012.

HERITAGE, John. Etnometodologia. Giddens, A.; Turner, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 321-392.

KAPLÚN, Mario. **El Comunicador Popular**. Buenos Aires: Humanitas, 1987.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Anais. Bauru: USC, 2004, v. 1. p. 01-10.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Minayo, C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 61-78.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Editora Moderna. Edição 19. Set/dez 2000. p. 12-24.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.